



Sobre Futebol e Pânicos Morais: Prostituição no Rio de Janeiro durante a Copa do Mundo 2014

On Football and Moral Panics: Prostitution in Rio de Janeiro During the 2014 World Cup

Observatório da Prostituição. LeMetro, UFRJ¹

Thaddeus Gregory Blanchette²

Laura Murray³

Julie Ruvolo⁴

Contribuintes⁵

Resumo

Por quase três décadas, a Copa do Mundo tem sido alvo de acusações de exploração sexual, mesmo que existem poucas evidências de que os megaeventos esportivos criam um aumento na prostituição, tráfico humano, ou na exploração sexual de crianças e adolescentes. Nas Copas de 2006 e 2010, por exemplo, abolicionistas de prostituição previam que até 40.000 mulheres e crianças seriam traficadas por fins de escravidão sexual durante os jogos. Apesar de investimentos massivos no policiamento e na segurança, porém, quase muitas poucas vítimas foram descobertas. Previsões apocalípticas semelhantes foram feitas com respeito à Copa do Mundo FIFA do Brasil de 2014 e essas nós inspiramos em investigar as principais zonas de prostituição do Rio de Janeiro antes, durante e depois dos jogos. Nossos resultados seguem abaixo.

Palavras-chave: Prostituição. Exploração sexual. Copa do Mundo. Rio de Janeiro.

Abstract

Accusations that sports mega-events cause an increase in sexual exploitation have followed the World Cup for at least three decades, in spite of there being little to no evidence proving this relationship. In the 2010 and 2006 World's Cups, prostitution abolitionists predicted that up to 40,000 women and children would be trafficked into sexual slavery during the games. In spite of massive police and security investments, however, hardly any victims of trafficking were discovered during these two events. Similar apocalyptic predictions made with regards to Brazil's 2014 FIFA World Cup inspired us to investigate the principal prostitution districts of Rio before, during and after the event. Our results are presented in the present paper.

Keywords: Prostitution. Sexual exploitation. World Cup. Rio de Janeiro.

Artigo Recebido em: 24/11/2014

Aceito em: 25/05/2015

¹ O grosso do material apresentado aqui faz parte do relatório preliminar do "Observatório de Prostituição" da UFRJ sobre a prostituição na Copa do Mundo. O relatório foi escrito pelas quatro pessoas listadas acima. Os autores do relatório original foram Laura Murray, Julie Ruvolo, Sonia Correa e Thaddeus Blanchette. Thaddeus Blanchette editou o material para apresentação aqui, acrescentando novos textos e reorganizando tudo. O relatório preliminar completo do Observatório pode ser encontrado no https://observatoriopropstituicao.files.wordpress.com/2014/09/observatc3b3rio-da-prostituic3a7c3a3o_relatac3b3rio-copa-do-mundo_03-set-2014.pdf.

² Professor da UFRJ-Macaé, PhD em Antropologia. E-mail: macunaima30@yahoo.com.br

³ Professora na Columbia University, PhD em Antropologia. E-mail: macunaima30@yahoo.com.br

⁴ Jornalista. E-mail: macunaima30@yahoo.com.br

⁵ Gregory Mitchell, Williams College, PhD Performance Studies; Amanda De Lísio, University of Toronto, Doutorando Saúde Pública; Ana Paula Silva, UFF Santo Antônio de Pádua, PhD em Antropologia; Soraya Simões, UFRJ IPPUR, PhD em Antropologia; Flávio Lenz, ONG Davida.

Introdução

Nos meses antecedentes à Copa do Mundo de 2014, a *mediascape*⁶ global fervilhou com previsões apocalípticas acerca da exploração sexual no Brasil que, de acordo com muitos jornalistas, políticos e ativistas, iria aumentar espetacularmente durante o Mundial. O jornal inglês, *The Guardian*, avisou seus leitores que o Brasil poderia sofrer um aumento na exploração sexual de crianças e adolescentes durante os jogos (GRIFFIN, 2014). *The Chicago Tribune* – normalmente um jornal bastante sóbrio – reportou que existia meio milhão de crianças e adolescentes prostitutas no Brasil e que a exploração sexual de menores poderia explodir durante a Copa. Essa história foi republicada por dúzias de outros jornais e agências de notícias mundo afora. A Marcha Mundial das Mulheres – ONG que luta internacionalmente para a proibição da prostituição – confiantemente previa que a prostituição, exploração sexual e a violência sexual seriam uns dos produtos principais do Mundial (MARCHA MUNDIAL, 2014). Políticos da esquerda (Inês Pandeló) e da direita (Miriam Sã) previam tempos sombrios para o Brasil:

O turismo sexual que atinge mulheres, crianças e adolescentes é um problema mundial. E no Brasil este é um problema grave e nossa preocupação é que essa situação tende a se agravar ainda mais no período dos grandes eventos, como aconteceu nas Copas do Mundo da Alemanha e da África do Sul.⁷

Finalmente, na véspera da abertura da Copa, *O Globo* publicou uma matéria que garantia para os leitores que “aliciadores já atua [vam] em cidades da Copa do Mundo” e de que “o aumento da exploração sexual de crianças e adolescentes antes e durante os chamados megaeventos é um fato” (BENEVIDES *et al*, 2014).

De fato, os preconceitos sobre os megaeventos esportivos e a prostituição tinham chegado a um consenso: o Mundial de 2014, no Brasil, prometia a ser, literalmente, uma orgia de exploração sexual. Essa era a mensagem que todos os brasileiros recebiam a ligar a televisão, abrir um jornal, ou vasculhar a internet.

Mas era uma visão baseada em preconceitos e não em fatos. Desde 2000, pelo menos, todos os megaeventos esportivos foram precedidos por previsões deste tipo – e nunca houve nenhum caso em que essas elas fossem reveladas como factíveis. Em 2012, o *Global Alliance Against Trafficking in Women* publicou um estudo exaustivo sobre esses boatos. Reunindo

⁶O termo é de Arjun Appadurai e significa os fluxos de imagens e ideias passados pela mídia eletrônica e impressa e as consequentes visões do mundo criadas por essa mídia (APPADURAI, 1990, p. 9).

⁷A citação é de Pandeló e foi publicada em Marcha Mundial (2013), mas comentários semelhantes foram testemunhado por nossos pesquisadores em várias reuniões da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, em comissões anti-tráfico nos níveis estaduais e mundiais e em conversas particulares com Pandeló e Sá nos anos 2012-2014.

centenas de fontes científicas e jornalísticas, *Qual é o Preço de um Boato?* desmistificou os rumores persistentes de que a prostituição e o tráfico de mulheres aumenta em tais eventos como a copa do Mundo, os Jogos Olímpicos e o Superbowl. Em 2013, o *Central American Women's Network* produziu uma pesquisa que analisou o impacto dos Jogos Olímpicos de 2012 na prostituição e no tráfico de pessoas no Reino Unido, chegando a conclusão que esse megaevento não aumentou os índices de exploração sexual naquele país. Também em 2013, o *Brunel University* em Londres publicou um estudo que problematizou a ligação entre os megaeventos e a exploração sexual de crianças e adolescentes.

A afirmação de que os megaeventos esportivos aumentam, de alguma forma, a exploração sexual é tão desacreditada dentro dos círculos científicos que até Snopes.com, o principal site de confirmação de boatos da internet, a desmentiu (SNOPE.COM, 2014). No entanto, o poder do boato é tanto que os estudos científicos sobre o assunto são rotineiramente ignorados ou até mal apropriados. Excelente exemplo disto pode ser encontrado na matéria de *O Globo*, acima referida, que cita o estudo de Brunel University como confirmação da “factualidade” da ligação entre a exploração sexual de crianças e adolescentes e os megaeventos esportivos quando, de fato, os pesquisadores de Brunel concluíram que “existem poucas evidências sólidas que a exploração sexual de crianças e adolescentes acontece antes ou durante os megaeventos esportivos” e “um relacionamento causal ente o tráfico de seres humanos para a exploração sexual e megaeventos esportivos não é verificado” (BRUNEL, 2013, p. 16-18). Da mesma maneira, políticos como Inês Pandeló e Liliam Sá persistem em afirmar que o tráfico em seres humanos e a exploração sexual aumentaram na Copa do Mundo da África do Sul, mesmo que todos os estudos científicos publicados até agora problematizem essas afirmações (GOULD, 2010; DELVA *et al*, 2011).

No Brasil, então, parece que o pânico e a manipulação de fatos atualmente reinam na discussão sobre a exploração sexual e os megaeventos. Os membros do Observatório da Prostituição são jornalistas, antropólogos, sociólogos e ativistas que vêm seguindo o desenvolvimento do pânico moral sobre o turismo sexual, tráfico de pessoas e a exploração sexual de crianças e adolescentes há quase uma década. Através de nossas pesquisas e trabalhos de extensão (particularmente nos comitês estaduais e nacionais de enfrentamento ao tráfico de pessoas), estávamos cientes de que a Copa do Mundo de 2014 estava servindo com uma espécie de “para-raios” para acusações sobre a exploração sexual em *terras brasiliis*. Desejosos de que as políticas públicas sobre a prostituição, trabalho sexual e migração sejam embasadas em fatos e

não boatos, reunimos em 2012 para planejar uma pesquisa de campo, amplo e extensivo, nas principais zonas de prostituição da cidade do Rio de Janeiro, antes, durante, e após a Copa do Mundo, para descobrir o efeito dos jogos no comércio do sexo na Cidade Maravilhosa. Abaixo, apresentamos os resultados preliminares de nossa pesquisa.

1 Metodologia

Durante a Copa do Mundo, o Observatório da Prostituição realizou pesquisa etnográfica nos principais pontos do comércio sexual no Rio de Janeiro (Copacabana, Ipanema, Centro, Lapa e Vila Mimosa), visando monitorar os impactos da Copa do Mundo nessas áreas da cidade (presença de estrangeiros, concentração ou aumento da prostituição em determinados setores das cidades), as ações policiais e de organizações governamentais e não governamentais que vêm atuando nessas áreas, ora para coibir a exploração sexual de crianças e adolescentes, ora para promover sua visão quanto à venda de sexo. A pesquisa também observou as condições de trabalho nesses lugares durante os jogos e mapeou as redes formadas para viabilizar o trabalho sexual durante esse período, além de acompanhar o noticiário nacional e internacional sobre prostituição no Brasil no contexto da Copa do Mundo.

Essa pesquisa do Observatório teve como antecedentes, investigações sobre turismo sexual e prostituição, conduzidas ao longo de quase uma década no Rio de Janeiro (veja-se, por exemplo, Amar (2009), Blanchette; Silva (2005, 2009); Gaspar (1984), Leite (2008), Lenz (2008), Moraes (1996), Pasini (2005), Ribeiro (2002), Ruvolo (2014), Simões (2010)). Em 2012, dois membros do Observatório concluíram um mapeamento extensivo dos vários pontos de prostituição no Rio de Janeiro, fruto de 8 anos de investigações etnográficas e sociológicas. Esse mapeamento nos permitiu a identificar os principais pontos de prostituição frequentados por brasileiros e estrangeiros na cidade.

Neste mesmo ano, outros pesquisadores que colaboram com o Observatório estiveram nesses pontos, em vários momentos do ciclo sazonal da atividade que tem muitas variações ao longo do ano. Em 2013, essa ronda periódica de visitas foi intensificada, concentrando-se nos 20 pontos de comércio sexual mais frequentados por turistas estrangeiros, na Vila Mimosa e nos 20 pontos mais movimentados da área central da cidade do Rio de Janeiro. Entre novembro de 2013 e maio de 2014, visitamos esses lugares pelo menos uma vez por mês, geralmente nas primeiras semanas do mês (quase sempre após o pagamento dos salários), para conseguir uma contagem

média de número e tipo de trabalhadoras e clientes ativos nesses locais. Durante esse período, fizemos entrevistas com as prostitutas, gerentes, seguranças e outros trabalhadores desses pontos sobre seus planos e perspectivas para a Copa do Mundo.

Durante o Mundial, os pesquisadores foram divididos em três subgrupos: uma equipe ficou responsável por Copacabana e as outras duas pelo Centro da cidade e pela Vila Mimosa, respectivamente. As equipes estiveram em campo sempre que aconteceu um jogo da Seleção brasileira ou uma partida no Maracanã (o estádio da Copa no Rio de Janeiro). Também fizemos observações em outros momentos que pensamos ser estratégicos, como, por exemplo, os jogos semifinais e das quartas de final.

Pesquisadores individuais foram a campo quase todos os dias, durante o Mundial. Geralmente, concentramos nossas atividades entre meio-dia e as três horas da madrugada do dia seguinte. No decorrer da Copa – ao constatar que o comércio sexual na Vila Mimosa e no Centro estava muito reduzido – concentramos atenção nos espaços noturnos de Copacabana. Mas ainda assim mantivemos equipes no centro da cidade e na Vila Mimosa até o final da Copa.

Também circulamos em espaços de recreação noturna associados com a Copa, mas não, necessariamente vinculados à prostituição, mais particularmente o bairro da Lapa e os bares de Ipanema. Finalmente, visitamos várias termas heterossexuais e saunas homossexuais durante o Mundial. Uma de nossas colaboradoras que é prostituta e trabalhou durante a Copa numa terma de luxo. Outras colaboradoras trabalharam na Vila Mimosa e em Copacabana.

No total, estimamos que, durante a Copa do Mundo, a equipe realizou mais de 2.000 horas de pesquisa etnográfica baseada em observação-participação, nas áreas onde o sexo é comercializado no Rio de Janeiro. Nos últimos dias do evento e nas semanas imediatamente posteriores, fizemos 116 entrevistas formais (com questionário) com trabalhadoras sexuais que estiveram ativas durante o evento, perguntando sobre suas expectativas e experiências. Com todas as mulheres entrevistadas compartilhamos informações sobre nossos objetivos como grupo de pesquisa e esclarecemos seus direitos como participantes da investigação. Em parceria com Davida, produzimos e distribuimos uma versão *pocket* do jornal “O Beijo da Rua”: o “Beijinho da rua” com informações sobre direitos e saúde para prostitutas e seus clientes, em português e em inglês.

Reuniões de trabalho semanais aconteceram ao longo dos meses de maio, junho e julho. A Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), parceira da pesquisa, gentilmente cedeu

sua sede institucional para funcionar como “quartel-general”.

2 Declínio das atividades de prostituição

Durante a Copa do Mundo monitoramos 83 pontos de sexo comercial no Rio, nos quais trabalham, aproximadamente, 75% das prostitutas de casas, boates, termas, prives, bares, praias, massagens e pontos de rua no Rio durante a Copa. Nesse período, o fluxo dos clientes diminuiu em 60 dos pontos observados, a maioria deles localizada no Centro. A maior parte desses pontos fechou, por iniciativa própria, pelo menos um dia da semana durante toda a Copa do Mundo por que não havia clientes suficientes. Na Vila Mimosa existem aproximadamente 60 casas. Contudo por ser uma “região moral” fechada e coesa, ela foi contabilizada como um único ponto em nosso mapeamento. Na Vila confirmamos o mesmo quadro observado em outros pontos da cidade, pois várias das casas fecharam nos dias de jogo. Com base em nossas próprias contagens e nos registros dos cadernos de programa que consultamos em vários pontos, é possível afirmar que o comércio do sexo reduziu em pelo menos 30% no Centro e na Zona Norte do Rio de Janeiro durante a Copa.

Somente seis dos 83 pontos listados mantiveram um fluxo mais ou menos estável de clientes. A maioria deles fica em Copacabana, embora uma terma no Centro também não tenha registrado declínio. Por outro lado, 17 pontos registraram maior fluxo de clientes sendo que todos eles são localizados em Copacabana. Nos 23 pontos em que se verificou estabilidade ou crescimento no fluxo de clientes durante a Copa houve um aumento de 25% no número de prostitutas. Enquanto isto, nos pontos onde o fluxo de clientes diminuiu, o número de mulheres trabalhando parece ter caído em pelo menos 30%. E, embora tenha sido observada a migração de prostitutas dos outros pontos da cidade para Copacabana, a quantidade de prostitutas que frequentaram os pontos no bairro foi significativamente menor que a quantidade que normalmente trabalha no Centro e na Zona Norte (inclusive a Vila Mimosa).

Quando se consideram todos os principais pontos de prostituição do Rio parece ter havido uma queda de 15% no número das mulheres atuando nos setores de sexo comercial, na cidade, durante o período do Mundial; mesmo tendo havido um crescimento temporário da prostituição num pequeno trecho do bairro de Copacabana.

3 Expectativas e decepções

Mesmo nas termas de luxo da Zona Sul do Rio, onde o número de clientes cresceu, o faturamento das trabalhadoras sexuais não foi o esperado. Em muitas termas, se o número de clientes aumentou, também se ampliou o número de mulheres. Isso significa que na média, o total de programas por mulher permaneceu estável. Em alguns casos, os clientes estiveram em locais de prostituição mais para beber e socializar e não para fazer programas.

Na orla de Copacabana, a área próxima a FIFA *Fan Fest* se converteu no “marco zero” da prostituição na Copa. Contudo, o número de programas por mulher não aumentou no período, mas, de fato, diminuiu em muitos casos. O que aumentou foi o valor que algumas das trabalhadoras sexuais passaram a cobrar de “gringos”. Muitas mulheres que migraram para Copacabana, por exemplo, cobram, normalmente, 120 reais por hora/programa, fazem programas de 15-20 minutos com 5 a 12 homens e ganham entre 100 e 300 reais por dia. Em Copacabana, essas mesmas mulheres cobraram 200-300 reais por hora, fazendo, em geral entre um e cinco programas por dia, de uma hora cada. Algumas mulheres conseguiram cobrar até mais. Ouvimos relatos que alguns europeus e norte-americanos teriam pagado entre 500 e 1.000 reais por programa.

A grande decepção com a Copa parece ter ocorrido na Vila Mimosa que fica a poucos quilômetros do Estádio do Maracanã e onde havia a expectativa, inclusive por parte das autoridades municipais, de que o fluxo de clientes iria aumentar geometricamente após os jogos. Inclusive, a associação que controla a Vila – AMOCAVIM – investiu na renovação da área, que tem se apresentado bastante decadente em anos mais recentes. A excitação dos donos dos bares e das prostitutas antes da Copa era visível. Alguns comerciantes compraram centenas de caixas de cerveja para atender as suposta hordas de turistas que encheriam a Vila depois de cada jogo. Como já mencionado, porém, o comércio na Vila Mimosa caiu de 30% a 50% no mês da Copa e poucos turistas – e quase nenhum deles estrangeiros – chegaram à Vila. Vários dos que chegaram causaram mais problemas que soluções.

4 Migrações de garotas de programa

A Copa alterou radicalmente o calendário de trabalho no Rio de Janeiro, por efeito dos feriados, quando havia jogo na cidade ou quando seleção brasileira jogava. Consequentemente, as profissionais do sexo que trabalham nas regiões centrais e norte da cidade - predominantemente na Vila Mimosa e nas pequenas casas do Centro - assistiram um declínio significativo no número de clientes. As mulheres que, geralmente, trabalham nessas áreas se deslocaram para a Zona Sul à procura de clientes, sobretudo para Copacabana, onde houve a maior concentração de turistas.

Contudo, a pesquisa identificou poucas prostitutas vindas de outras cidades do Estado do Rio (em torno de 20-25), de outros Estados (entre 10 e 12), ou de outros países (uma única). De maneira geral, as profissionais do sexo vindas de outros lugares estavam insatisfeitas com seu rendimento durante o Mundial.

Encontramos apenas uma prostituta migrante internacional. Essa peruana viajou de forma independente, sem intermediação de terceiros e, também, ficou muito decepcionada com o resultado do investimento feito. Disse, inclusive, que teria ganhado muito mais se tivesse ficado no Peru.

Como já observado, a grande maioria das “migrantes” que circulavam em Copacabana vieram do Centro ou da Vila Mimosa. As novas condições de trabalho causaram constrangimento para essas mulheres, que estão acostumadas a trabalhar com clientes brasileiros em lugares fechados, onde contam com seguranças e a condição de anonimato. Em Copacabana, elas estavam “expostas” nas ruas, se viram forçadas a negociar programas em língua estrangeira, e a fazer sexo em locais desconhecidos, na maioria das vezes sem apoio ou segurança.

A maioria das mulheres que disseram estar se “dando bem”, durante o Mundial, eram trabalhadoras habituais de Copacabana, já acostumadas com o ritmo do sexo comercial e do turismo sexual característico do bairro. Muitas das mulheres que migraram do Centro e da Villa Mimosa não estavam habituadas às novas condições de trabalho e isso limitou seus ganhos. Várias de nossas informantes do Centro disseram ter ido somente duas ou três vezes à Zona Sul, justamente porque não se sentiam confortáveis.

Nossas observações também sugerem que a expectativa de “grandes lucros com a Copa” levou às ruas uma nova geração de prostitutas. Essas eram mulheres mais jovens (na faixa de 18-25 anos) que são minoria frente às “veteranas”, mas sempre estavam circulando pela Praça do

Lido. Essas moças nos disseram terem sido mobilizadas por matérias publicadas na mídia antes dos jogos, segundo as quais haveria “muita sacanagem” durante a Copa. Isso sugere que o tom exagerado da mídia quanto ao grande aumento clientes de prostituição pode ter contribuído para “recrutar” mais mulheres. Foram poucas as mulheres dessa nova geração que conseguiram ganhar o quanto haviam esperado.

5 Policiamento

Na Vila Mimosa observamos um pequeno aumento na presença da polícia, durante a Copa: um ou dois carros circularam ocasionalmente pela área onde antes sua presença era praticamente inexistente.

No Centro do Rio, a polícia estava quase totalmente ausente, particularmente nos dias de jogo no Maracanã. Várias trabalhadoras sexuais dessa região nos disseram que estavam com medo de serem assaltadas por que a área estava muito vazia. Também diziam que a falta de policiamento do Centro era uma das razões pelas quais não estavam trabalhando nos dias de jogo. A falta do policiamento também foi mencionada por algumas gerentes de casas no Centro, como razão pela qual os estabelecimentos estavam fechados.

Em Copacabana, porém, a presença policial foi flagrante e sistemática. Em geral, durante as noites, na área mais movimentada de prostituição na Praça do Lido, que ficava ao lado FIFA *Fan Fest*, havia mais policiais do que garotas de programa.

Durante a Copa, a maior operação policial de coibição da prostituição foi o fechamento do Restaurante Balcony e do Hotel Lido, que aconteceu no primeiro dia do megaevento. Essa operação policial foi justificada porque, supostamente, esses estabelecimentos “exploravam vulneráveis”. Apesar do fechamento, as mulheres e travestis que fazem do Balcony seu ponto de encontro não deixaram a área, continuaram circulando no entorno da Praça do Lido, que se transformaria no “marco zero” do sexo comercial, na cidade, durante os jogos.

A presença policial em Copacabana se intensificava na hora do encerramento da FIFA *Fan Fest* e se ampliou nos últimos jogos da Copa, quando a torcida argentina dominou a orla e região circundante. Houve, inclusive, vários confrontos entre a polícia e os torcedores argentinos. As garotas de programa reclamavam que não podiam contar com a proteção policial, em caso de alguma emergência. O sentimento geral das prostitutas era de que “a polícia está lá para proteger

gringo”.

É preciso dizer, porém, que os policiais não intervieram na circulação e negociações das prostitutas. Embora a alegação oficial de que o aliciamento de menores em torno do Restaurante Balcony tinha sido o motivo do seu fechamento, tampouco vimos policiais solicitando a carteira de identidade dos adolescentes e crianças que frequentavam a Praça do Lido, à noite.

Se houve poucos confrontos abertos entre as trabalhadoras do sexo e a polícia, quando havia conflito entre clientes e prostitutas (um traço frequente do mercado sexual de Copacabana), segundo as mulheres, os policiais sempre “ficavam do lado deles, dos turistas”. Essa conduta foi vista como novidade, pois na orla de Copacabana, a polícia frequentemente apoia as prostitutas quando ocorrem brigas entre elas e os clientes.

O único caso de agressão e preconceito explícito, por parte da polícia, que conseguimos registrar, nos foi informado por uma jovem travesti que reclamou ser alvo constante de chacotas de um PM, que trabalha na área onde ela trabalha. Segundo ela, ironicamente, o PM em questão se define como homossexual.

6 Violência contra as trabalhadoras do sexo

Em geral, as prostitutas do Rio avaliam os clientes estrangeiros de Copacabana – particularmente os europeus, australianos e norte-americanos – como “programas finos”. Ou seja, são clientes que pagam bem, cuidam de si e tratam a prostituta com respeito. Durante a Copa, porém, houve casos de violência contra as trabalhadoras do sexo. Uma prostituta da Vila Mimosa relatou ter sido mordida por um cliente argentino, mostrando, inclusive, os ferimentos a uma das pesquisadoras. Outras relataram constantes brigas com clientes estrangeiros, sempre relacionadas com o pagamento do programa.

A maioria destes casos parece ser fruto da má comunicação entre as prostitutas e os clientes na hora de acertar o programa. Na Vila, o preço do programa é, na maioria das vezes, separado do preço do aluguel da cabine (o local onde acontece o programa). Um cliente, então, pode achar que pagará só 50 reais (o preço do programa), para depois se dá conta que deve 60 (mais 10 pelo aluguel da cabine). Uma vez que as prostitutas que trabalham na Vila Mimosa geralmente não falam nenhuma língua estrangeira, e raramente lidam com clientes que não falam português, esses pequenos mal-entendidos podem acontecer e, acontecendo, tendem a se transformar em conflitos com alto potencial de violência.

Essas situações nos dizem da relevância de projetos como o promovido pela Associação das Prostitutas de Minas Gerais – APROSMIG – antes da Copa, que tinha como objetivo ensinar às prostitutas (e particularmente às garotas das zonas mais pobres) uma base mínima de língua inglesa. Mesmo sem garantir fluência, essas aulas ampliaram as habilidades das mulheres, facilitando a fala e compreensão de algumas palavras, especialmente aquelas mais diretamente ligadas a atividade, o que pode reduzir a possibilidade de mal-entendidos e confrontos.

Houve outros casos de violência, porém, em Vila Mimosa, uma informante relatou à equipe um caso grave de violência de que havia sido testemunha. Ela viu um turista suíço bater numa garota de programa após um conflito sobre o pagamento de um programa. Várias colegas da garota agredida foram defendê-la e a situação se transformou numa briga generalizada. O suíço chamou a polícia que levou todas as mulheres para a delegacia, inclusive nossa informante (que tinha visto a briga, mas não havia participado dela). Após horas na delegacia, as mulheres finalmente foram soltas quando o turista decidiu fugir na hora de assinar o Boletim de Ocorrência (B.O.).

As mais significativas histórias de violência que registramos foram episódios de clientes estrangeiros roubando prostitutas. Eles aconteceram, em geral, com as garotas que tinham migrado do Centro para Copacabana, que estavam acostumadas a trabalhar em casas fechadas, onde podiam recorrer a seguranças e a cobrança do programa era feita pela casa. Várias delas relataram que suas bolsas foram roubadas por clientes, e os boatos de que “as prostitutas estão sendo assaltadas em Copa” corriam nas casas do Centro. Uma das garotas, como vimos anteriormente, relatou ter sido forçada a pagar o hotel sozinha, após o cliente fugir no meio de um programa.

Apesar disso, durante a Copa do Mundo, as interações entre turistas e prostitutas foram geralmente cordiais. As situações acima descritas podem ser consideradas excepcionais, porém. A grande maioria de nossas informantes disse que Copa foi tranquila, embora não tenha sido tão lucrativa quanto esperavam. Mesmo os argentinos e chilenos – os “gringos latinos” – foram considerados como sendo muito cavalheiros na cama. Talita, 29 anos, que trabalha na Praça do Lido, nos disse que “meus clientes – mesmo gringos latinos – me trataram bem melhor que minha família”.

7 “Gringos pão duros”

O problema mais frequentemente relatado pelas prostitutas não foi a violência física, mas sim a incapacidade ou falta de vontade dos clientes de pagar o preço estipulado para o programa. Isto aconteceu, sobretudo, em Copacabana. Ouvimos várias histórias: clientes que combinaram pagar 300 reais e, na hora, só queriam pagar 50 reais; clientes que pagaram com dinheiro falso; ou homens que se recusavam a pagar o aluguel do quarto do hotel, achando que estava incluído no preço do programa. Todos esses problemas eram agravados pelo fato de que boa parte das trabalhadoras sexuais, que estavam em Copacabana, não ter o hábito de trabalhar em praça pública, sem segurança e sem contar com alguém para cobrar as contas.

Mas, a maior reclamação das prostitutas foi mesmo a “pechincha”. As mulheres informaram que muitos clientes estrangeiros não queriam pagar mais que 100 reais por programa (enquanto o preço de um programa normal em Copacabana varia entre 200 e 300 reais por hora). As reclamações sobre “gringos pão duros” foram constantes e focaram, particularmente, nos argentinos, chilenos e uruguaios – os chamados “gringos latinos”.

Várias prostitutas negras ou morenas escuras disseram ter sido alvo de agressões verbais racistas, particularmente na hora de negociar o preço do programa. Natasha (prostituta negra que trabalhava na Copacabana) disse ter sido chamada de “macaquita” várias vezes por argentinos, na praia: “Macaquita não pode cobrar 300 reais! Tem que cobrar 100!” Nas últimas noites dos dias de jogo, na orla, os pesquisadores assistiram várias agressões desse mesmo teor. O consenso das mulheres da orla sobre os argentinos que vieram ao Rio para o jogo final pode ser ilustrado pelo que disse uma paulista que trabalhava na Praça do Lido: “Os argentinos são muito ruins. Não têm dinheiro, são sujos e sempre querem desconto. Reclamam do preço! Se não tem dinheiro, não venha pra Copacabana”!

Falando com os clientes, porém, pudemos explorar o outro lado da moeda. Eles reclamaram que todos os preços são altos demais no Rio – muito além de suas expectativas. E, sobretudo, que o “preço do o sexo” era duas ou três vezes o valor que costumam pagar em seus países de origem. Mesmo os “gringos finos” (isto é, aqueles que vieram de países considerados economicamente privilegiados) avaliaram que o preço dos programas estava muito além de suas expectativas. Curiosamente, o “choque do preço” não empurrou esses clientes para os mercados sexuais mais baratos da Vila Mimosa e do Centro (onde um programa de 15 minutos poderia

custar 30 reais). A vasta maioria dos gringos com quem conversamos não conhecia esses lugares e, ao ouvirem falar deles, disseram que era “sujos e perigosos” e que não iria visitá-los. Em geral, os turistas (de todos os tipos) ficaram restritos à Zona Sul, e poucas vezes se aventuraram para além da Lapa, a não ser para assistir a jogos no Maracanã.

8 Niterói: O caso mais grave de violência da Copa do Mundo

No dia 23 de maio de 2014, centenas de policiais civis invadiram um prédio no Centro de Niterói (conhecido como prédio da Caixa), onde aproximadamente 400 mulheres trabalhavam como prostitutas. Durante a operação, os policiais cometeram extorsões, furtos, roubos e estupros, e mais de 100 mulheres foram detidas para averiguação. Todos os apartamentos (mais de 90), onde elas trabalhavam, foram interditados e classificados como locais de crime, embora não houvesse autorização judicial para tais atos. Tentativas de registrar queixas na Delegacia da Mulher (DEAM), no dia, foram negadas, tal como o direito da maioria das mulheres de contar com a presença de advogados da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) durante seus depoimentos na delegacia.

No dia 4 de junho, em audiência pública convocada pela Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, os roubos, extorsões e estupros foram denunciados, e a ilegalidade de todas as ações da polícia, no dia 23, foi constatada pela Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro e pela Ordem dos Advogados do Brasil.

Depois da audiência pública, “Isabel”, uma das prostitutas que denunciou publicamente a violência da polícia, notou que estava sendo seguida e fotografada por pessoas que pareciam ser policiais. No dia 21 de junho, ela foi sequestrada por quatro homens em uma praça próxima ao prédio onde mora e trabalha. Os homens mostraram a ela uma foto de seu filho saindo da escola e disseram para ela parar com as denúncias, sob a ameaça de risco de vida para ela e seu filho. Um dos homens fez cortes a faca em seu pescoço e braço e aí ela foi deixada de volta na rua. Isabel foi uma vez mais à delegacia, para denunciar a violência sofrida. Mas a polícia não levou seu caso a sério, registrando um “termo circunstanciado” em vez de “boletim de ocorrência”, o que significa que nenhum inquérito foi aberto para investigar o que tinha acontecido.

Dias depois, ela deixaria sua casa em Niterói somente com as roupas do corpo, sem ter um lugar seguro para ficar, foi abrigada por uma rede de casas de ativistas, com apoio exclusivo de

doações pessoais, enquanto começava uma longa jornada por órgãos do governo, estaduais e federais, em busca de apoio e segurança. Ela estava (e continua) decidida a levar adiante o ativismo e denunciar as violações de direitos feitas pela polícia e continuar a luta por justiça para ela e suas colegas. Acompanhando o caso de perto, registramos que não existe uma única rede de apoio e proteção institucional para prostitutas que sofrem e denunciam violência – sobretudo, quando se trata de violência policial. As opções oferecidas pelo aparato estatal são insuficientes ou inacessíveis. As alternativas existentes silenciariam Isabel, fazendo dela uma vítima da prostituição, mas não da violência institucional que, de fato, a feriu.

O “caso de Niterói” não foi diretamente causado pela Copa do Mundo. Mas está vinculado a processos que foram potencializados pela Mundial: de um lado, a especulação imobiliária em curso no Rio e também Niterói e, de outro, a intensificação e militarização das operações policiais no país e especialmente no Rio. O valor dos imóveis aumentou consideravelmente nos últimos 5 anos, em função dos projetos de renovação urbana desenvolvidos pelas prefeituras das duas cidades em nome dos preparativos para os jogos. As prostitutas – junto com os pequenos comerciantes tradicionais e o comércio irregular que, outrora, ocupavam os centros – estão sendo cada vez mais pressionadas a sair desses espaços, que vão sendo gradativamente higienizados e gentrificados. Essa tendência se aplica ao prédio da Caixa, em Niterói. A operação policial aconteceu, pois não havia meios legais civis para expulsar as 400 mulheres, já que elas alugavam os apartamentos.

A lógica crescentemente militarizada das forças de segurança pública brasileiras faz com que setores policiais percebam as pessoas como criminosas ou transgressoras em potencial e não, principalmente, como portadoras de direitos. Essa é uma distorção estrutural da cultura policial brasileira que afeta o conjunto da população, mas que tem efeitos particularmente nefastos no universo da prostituição. Embora prostituir-se não seja crime, todo o entorno do trabalho sexual é criminalizado e, de maneira geral, trabalhadoras do sexo, são consideradas cidadãs de segunda categoria pela sociedade e também pela polícia.

9 Exploração sexual de crianças ou adolescentes

Durante a Copa, nos espaços de prostituição da cidade do Rio de Janeiro, vimos poucas pessoas que pareciam ser adolescentes. Nas áreas onde a prostituição acontece em lugares fechados e gerenciados – Vila Mimosa, as casas e boates do Centro, as termas e boates da Zona Sul – não identificamos ninguém que aparentasse ter menos de 18 anos, até por que nesses casos as mulheres são obrigadas a apresentar suas identidades. No Centro, os gerentes das casas até mantêm fotocópias das identidades de todas as mulheres que ali trabalham, e sempre nos mostravam esses registros. Vale dizer, ainda, que os preços de programas nesses locais fechados são padronizados: a casa não ganha um só centavo a mais quando uma menor se prostituí aí. Várias prostitutas, diversos gerentes, barmen e seguranças das casas do Centro e da Vila Mimosa enfatizaram esse aspecto nas conversas.

Na orla de Copacabana, o Balcony fazia um controle semelhante, especialmente em momentos de grande movimento, como o Carnaval e o Ano Novo. Eram montadas barreiras na calçada e as mais jovens somente só podiam acessar a área interna depois de apresentar o RG. O Mabs, outro bar da orla frequentado por prostitutas e clientes durante a Copa, adotou o mesmo sistema. Entretanto, o fechamento do Balcony, no primeiro dia do Mundial, eliminou, na área, esse controle sobre a idade, mesmo quando prostitutas expulsas do bar ocuparam a Praça Lido, ao lado de moradores de rua, comerciantes itinerantes, moradores do bairro, mas também as crianças e adolescentes quer estavam na praça com essas pessoas. Ou seja, surgiu aí um espaço de prostituição quase completamente desregulado. Mas, mesmo na praça, não identificamos um número significativo de mulheres, que poderiam ser menores de idade, oferecendo serviços sexuais. Nas madrugadas havia, em média, entre 100 e 200 mulheres circulando na Praça do Lido e entre elas no máximo 5 ou 6 poderiam ter entre 15-17 anos. Muitas dessas meninas já frequentavam o lugar, tendo sido sua presença registrada pelas pesquisadoras bem antes do início da Copa. Nada sugere que nesse local especificamente, onde, de fato, se intensificou o comércio sexual durante o Mundial, tenha tido um crescimento do número de mulheres menores de 18 anos.

Obviamente é preciso sublinhar que nossos números provêm da observação visual e etnográfica e não de um inquérito sistemático, o que é uma limitação. Todavia é importante mencionar que nenhum outro grupo de pesquisadores, produzindo dados sobre a prostituição de menores no Rio de Janeiro, tem desenvolvido uma metodologia melhor. Além disso, todas as

mulheres que estavam na praça faziam o possível e impossível para parecerem maiores de idade. Dito isso, nossas conversas com as prostitutas que pareciam mais jovens não confirmam a hipótese de que muitas prostitutas menores estivessem circulando pelo local. Em vários casos, ao adquirir mais confiança após uma conversa, essas mulheres mais jovens mostraram suas identidades as/aos pesquisadoras/es. Já no caso de travestis, também muito ativas na Praça, é mais seguro afirmar que havia aí um grupo de 5 ou 6 com menos de 18 anos. Embora a frequência do local foses muito heterogênea em termos de idades, só vimos a polícia checar carteiras de identidades em uma única ocasião.

Os três fatos mais significativos a ser ressaltados, no que diz respeito ao tema das/dos menores de 18 anos, são:

- 1) Como já mencionado, o Restaurante Balcony e o Hotel Lido foram fechados para coibir a “exploração de vulneráveis”. Contudo, durante a Copa, até onde pudemos verificar, a polícia carioca não prendeu ninguém por exploração sexual de crianças e adolescentes. O Balcony foi reaberto imediatamente após da Copa, sem nenhuma prisão de seus donos ou funcionários.
- 2) O Conselho Tutelar da Zona Sul do Rio de Janeiro manteve um posto avançado na orla, 200 metros distante da Praça do Lido. Os funcionários desse posto são capacitados no combate à exploração sexual de crianças e adolescentes e, com base nos pôsteres, banners e filipetas distribuídos por eles, esse era o foco principal de sua atuação. No entanto, no período da Copa, eles não registraram nenhuma denúncia de exploração sexual de crianças e adolescentes em Copacabana. Receberam duas denúncias de outros bairros do Rio de Janeiro, nenhuma das quais estariam relacionadas com o contexto do Mundial.
- 3) Até 15.1.2014, de acordo com o Comitê Estadual de Enfrentamento à Violência e Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes e o Comitê Estadual dos Megaeventos (ambos organizados pela Fundação para a Infância e Adolescência do Rio de Janeiro), só houve duas denúncias no Rio de Janeiro de exploração sexual de crianças e adolescentes durante a Copa. Uma era denúncia falsa e a outra era referente a duas adolescentes que comercializam sexo na Lapa já faz muito tempo – sua situação não era, em nada, relacionada à Copa.

O consenso do Comitê Megaeventos, depois investigações nos 4 meses após a Copa, é que não houve aumento na exploração sexual de crianças e adolescentes durante os jogos. Nossas

pesquisas também confirmam essa hipótese.

Dito isso, é importante, no entanto, referir que testemunhamos várias situações potenciais de exploração de crianças e adolescentes, assim como contextos de maior risco e vulnerabilidade, causados ou potencializados pela Copa. Na maioria dos casos, essas situações dizem respeito ao trabalho infantil *lato sensu*, ou seja, em atividades não vinculadas ao comércio do sexo.

Na Vila Mimosa, por exemplo, uma pequena legião de meninos estava empregada na entrega e porte de cargas, no comércio de rua e até mesmo no gerenciamento dos bares e stands de comida. No Centro, menores – geralmente meninos – era presença constante no comércio das ruas e também nos trabalhos de reciclagem de papel e latas de alumínio. Finalmente, em todos os lugares – mais particularmente em Copacabana – crianças e adolescentes atuavam na venda de comidas, bebidas e lembrancinhas para turistas. O Posto Avançado do Conselho Tutelar registrou pelo menos um caso de um menino apreendido por vender chaveiros falsos da FIFA na *Fan Fest*. O Posto também registrou inúmeros casos de crianças e adolescentes bêbados e/ou perdidos.

10 Intervenções durante a Copa

Várias organizações não governamentais brasileiras obtiveram recursos para combater a exploração sexual de adolescentes e crianças e o tráfico de pessoas, durante a Copa do Mundo. Contudo a presença delas nas áreas de prostituição de Rio de Janeiro, durante os jogos, foi muito escassa, para não dizer praticamente inexistente. Fora dos contextos de prostituição, registramos apenas a distribuição de panfletos contra a exploração sexual feita pela ONG Promundo nas proximidades do Estádio do Maracanã, num dia de jogo.

No centro da cidade, a ausência dessas organizações foi absoluta. Na Vila Mimosa, a Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos (SEASDH), em parceria com a ONG internacional STOP THE TRAFFIK, UN.GIFT e em colaboração com a AMOCAVIM, instalou uma “Gift Box”. Tratava-se de uma caixa grande que parecia uma embalagem de presente em cujo interior havia relatos e fotos ilustrando as histórias de pessoas que foram enganadas e traficadas para diversos fins, incluindo a exploração sexual. Uma equipe de voluntários circulou na Vila convidando pessoas a entrarem na caixa, mas nos dias em que nossa equipe esteve presente, houve pouca procura e a caixa ficou vazia a maior parte do tempo.

Em Copacabana, no dia 6 de julho, um grupo de ativistas do coletivo “Bastardxs” fez um

protesto contra o turismo sexual no Brasil e a suposta passividade da FIFA em relação ao tema em Copacabana. O Conselho Tutelar da Zona Sul do Rio de Janeiro instalou um trailer, coberto de pôsteres do Disque 100 com informações sobre como denunciar acusações de violência sexual contra crianças e adolescentes (o trailer só funcionava até às 20h, enquanto o pico do comércio sexual em Copacabana acontecia sempre após as 22h). Significativamente, porém, os próprios membros do Conselho Tutelar, com quem conversamos, criticaram o funcionamento do sistema Disque 100. Um deles nos contou que:

O problema é que o Disque 100 não é uma defesa e sim um método de denúncia. O abuso ou a exploração sexual de crianças é, de fato, crime. Constatando caso desses, o cidadão deve ligar para a polícia, e não para o Disque 100. O Disque 100 só repassa casos para nós e outras organizações envolvidas na proteção dos direitos. Mas isto acontece algum tempo após a violação. Disque 100 não pode resolver problemas de violação de direitos enquanto estão acontecendo. Isto é a tarefa da polícia.

Em que pese suas limitações, a “linha de defesa”, prioritária, implementada pelo estado brasileiro durante a Copa contra a exploração sexual de crianças e adolescentes foi, de fato, o Disque 100. Além disso, é preciso observar que as organizações, sejam estatal ou não governamentais, participantes dessas campanhas, não estabeleceram contatos com as pessoas diretamente envolvidas no trabalho sexual que, como vimos, tem interesse em coibir a presença de menores nos espaços de prostituição e que são potencialmente aliadas nesses esforços educativos e de prevenção. Sobretudo não é excessivo afirmar que – por efeito das campanhas feitas desde antes da Copa – no senso comum e até mesmo na percepção de agentes estatais, “exploração sexual” queria dizer “a exploração sexual de crianças e adolescentes por parte de turistas estrangeiros”.

Esse foco quase exclusivo na exploração sexual das crianças e adolescentes terminou por ocultar ou soterrar outras dimensões da vida social e sexual, durante a Copa, que deveriam ter sido objeto de atenção do Estado. Um deles seria, por exemplo, uma maior ênfase na defesa e proteção dos direitos humanos de todas as pessoas, inclusive profissionais do sexo. Neste contexto, vale dizer que quando perguntamos sobre a franca violação de direitos humanos que aconteceu em Niterói, ou quando indagamos sobre possíveis iniciativas de promoção de direitos nas zonas de sexo comercial, vários dos atores e agências estatais e da sociedade civil responderam que suas ações estavam apenas focadas no enfretamento da exploração sexual e dos direitos de crianças e adolescentes.

Outra “vítima” flagrante do foco excessivo na “exploração sexual de crianças e

adolescentes” foi, sem dúvida, o campo da prevenção de DST/HIV/AIDS. Em muitos locais fechados que visitamos, as camisinhas disponíveis eram aquelas distribuídas pelo Ministério da Saúde. Contudo, isto não era resultado dos esforços da Secretária Municipal de Saúde para assegurar o acesso aos preservativos durante a Copa: as camisinhas estavam disponíveis por que as/os próprias/os gerentes das casas foram buscá-las em postos de saúde e por outros meios. Não vimos profissionais de saúde distribuindo preservativos ou informação sobre DST/HIV/AIDS em lugar nenhum, sejam casas, bares, locais de massagem, prives, boates, clubes ou pontos de rua.

Mas, nossas observações e informantes registraram distribuição de preservativos em três ocasiões. No primeiro dia da Copa um grupo não identificado distribuiu caminha na Central do Brasil. Na Praça do Lido, algumas profissionais do sexo mencionaram que um grupo evangélico havia, também na primeira semana da Copa, distribuído camisinhas e maquiagem, ao mesmo tempo em que as convocava mulheres para cultos religiosos. E, também, nos primeiros jogos da Copa, a equipe de uma ONG, que atua no campo da AIDS, distribuiu camisinhas na fila da FIFA *Fan Fest*. Por outro lado – e bastante problemático ao nosso ver – a equipe de pesquisa esteve nos postos móveis instalados na *Fan Fest*, e verificou que não havia camisinhas disponíveis.

Várias trabalhadoras do sexo – e particularmente as mais velhas, que guardam a memória das ações sistemáticas realizadas no passado, pelo Ministério da Saúde, em eventos de grande porte, criticavam abertamente o abandono de medidas voltadas para a promoção da saúde sexual, durante a Copa do Mundo de 2014.

“É um absurdo. A mídia e o governo falavam tanto da prostituição antes do evento, Estava em todo jornal! Ah, os gringos estão chegando! Ah, o turismo sexual! Ah, vai ser uma orgia e tanto! Todo aquele blá-blá-blá sobre a putaria... E nada – absolutamente nada – de preservativos. Ninguém distribuindo camisinhas. Nada! Temos que ir, nós mesmo, para os postos conseguir. OK, tudo bem, legal se você tiver tempo. E para as mulheres que não têm? E para as ignorantes que estão começando agora e nem sabem onde ficam os postos, muito menos como colocar caminha direito? Puta também paga impostos e a gente quer fazer nossa parte, mas parece que o Ministério da Saúde esqueceu da gente” (Lana, prostituta que trabalha numa casa no Centro)

A percepção de Lana ecoa o que disseram muitas outras trabalhadoras de sexo, em outros pontos da cidade, cujos depoimentos confirmam que os direitos das pessoas, especialmente, de profissionais do sexo, em termos de acesso de informação e meios de promoção da saúde sexual foram desrespeitados.

Conclusões

O pânico moral sobre turismo sexual, tráfico de pessoas, e a exploração sexual de crianças e adolescentes focalizou as atenções do público, da polícia, e do Estado, na zona sul do Rio de Janeiro e em ações que visavam educar sobre e/ou reprimir esses crimes... que, no evento, quase não apareceram, apesar da vigilância.

Várias ações promovidas pelo Estado (a operação em Niterói e o fechamento do Balcony) de fato criavam violações de direitos humanos e aumentaram as vulnerabilidades para as trabalhadoras do sexo e das crianças e adolescentes cariocas. Afinal das contas, foi um golpe de sorte que não houve evidências de exploração sexual ligada à Copa, pois a situação emergente na Praça do Lido, provocada pelo fechamento do Balcony, dificultou o gerenciamento das operações que visavam reprimir a exploração sexual de crianças e adolescentes na região, misturando as cenas de comércio sexual, comércio de rua e o turismo com a população da rua. Enquanto isto, a violência (inclusive sexual), sofrida nas mãos da polícia pelas trabalhadoras do prédio da Caixa Federal, revela o desdém com qual essa população pode ser tratada, por parte do Estado.

Mais grave, porém, foi a quase absoluta falta de políticas de saúde e segurança direcionadas às trabalhadoras sexuais, durante a Copa. Se a Copa do Mundo de 2014 foi razoavelmente pacífica (se não lucrativa) para as trabalhadoras sexuais cariocas, isto não foi resultado das preparações do Estado ou das ONGs engajadas na luta contra a exploração sexual. Na análise final, preocupado com seus pesadelos de exploração sexual, o Estado e seus parceiros na sociedade civil esqueceram-se completamente dos cariocas de carne e osso que ganham a vida na venda do sexo.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. **Public Culture**, New York, v. 2, n. 2, p. 1-24, spring 1990.

AMAR, Paul “Operation Princess in Rio de Janeiro: Policing ‘Sex Trafficking’, Strengthening Worker Citizenship, and the Urban Geopolitics of Security in Brazil”. **Security Dialogue**, Oslo, v. 40, n. 4-5, p. 513-541, august/october 2009

BENEVIDES, Carolina et al. “Aliciadores já atuam em cidades da Copa do Mundo”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27 abr. 2014. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/aliciadores-ja-atuam-em-cidades-da-copa-do-mundo-12310760> Acesso em: 10 out. 2014.

BLANCHETTE, T.G. e SILVA, A.P. “‘Nossa Senhora da Help’: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana”. **Cadernos Pagu**, Campinas, Cap. 25, p.249-280, maio 2005.

BLANCHETTE, T.G. e SILVA, A.P. “Amor um real por minuto: a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano”. In: CORREA, S. e PARKER, R. **Sexualidade e política na América Latina: histórias, interseções e paradoxos**, New York: Sexual Policies Watch, 2009, p.192-233.

BRASILEIRO, Adriana. 2013. “Brazil's child sex trade thrives as World Cup looms”, **The Chicago Tribune**, Chicago, 03 dez. 2013. Disponível em: http://articles.chicagotribune.com/2013-12-03/news/sns-rt-brazil-prostitution-20131202_1_child-prostitution-sexual-exploitation-world-cup Acesso em: 03 mar. 2014.

BRUNEL CENTRE FOR SPORT, HEALTH AND WELLBEING. **Child Exploitation and the FIFA World Cup: A review of risks and protective interventions**. Londres: Brunel University, 2013.

CENTRAL AMERICAN WOMEN’S NETWORK. **Exploração e Tráfico de Mulheres: Uma crítica sobre as narrativas durante os Jogos Olímpicos de Londres 2012**. Londres: CAWN. Disponível em: <http://www.cawn.org/assets/Explorao%20e%20Trfico%20de%20Mulheres.pdf> Acesso em: 09 set. 2014.

DELVA, William, et al. “Sex Work during the 2010 FIFA World Cup: Results from a Three-Wave Cross-Sectional Survey”. **PlosOne**, dez. 2011. Disponível em: <http://www.plosone.org/article/info%3Adoi%2F10.1371%2Fjournal.pone.0028363> Acesso em: 01 ago. 2014.

GASPAR, M.D. **Garotas de Programa. Prostituição em Copacabana e Identidade Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.

GRIFFIN, Jo. “Child sex tourism warning for fans attending World Cup in Brazil”. **The Guardian**, Londres, 08 fev. 2014. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2014/feb/09/brazil-sex-tourism-world-cup> Acesso em: 08 fev.

2014.

GLOBAL ALLIANCE AGAINST TRAFFICKING IN WOMEN. **Qual é o Preço de um Boato? Um guia para classificar os mitos e os fatos sobre a relação entre eventos esportivos e tráfico de pessoas.** Bangcoc: GAATW, 2011. Versão em português, 2013. Disponível em: <http://www.sxpolitics.org/pt/wp-content/uploads/2014/03/o-preco-de-um-boato.pdf> Acesso em 09 set. 2014.

GOULD, Chandre. “Moral Panic, human Trafficking and the 2010 Soccer World Cup”. **Agenda: Empowering Women for Gender Equity**, v. 24, n. 85, p. 31-44, 2010.

LEITE, Gabriela. **Filha, Mãe, Avó e Puta.** Rio de Janeiro: Editora Objetivo, 2008.

LENZ, Flávio. **Daspú: A moda sem vergonha.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES. **Contra o machismo padrão FIFA, pela autonomia das mulheres**, 2014. Disponível em: <http://marchamulheres.wordpress.com/2014/05/15/contra-o-machismo-padrao-fifa-pela-autonomia-das-mulheres/> Acesso em: 15 mai. 2014.

MORAES, Aparecida. **Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo.** Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

PASINI, Elisiane. “Sexo para quase todos: a prostituição feminina na Vila Mimosa”. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 24, dezembro 2005, p.185-216.

RIBEIRO, M.A. (org.) **Prostituição, sexo e prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira.** Rio de Janeiro: Gamma Editora, 2002.

RUVOLO, Julie. **Red Light Rio.** Disponível em: www.redlightr.io Acesso em: 09 set.2014.

SIMÕES, Soraya S. **Vila Mimosa: Etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca.** Niterói: UFF, 2010.

SNOPE.S.COM. “Pro Bowl”. **Snopes.com**, 01 fev. 2014. Disponível em: <http://www.snopes.com/sports/football/escort.asp> Acesso em: 03 mai. 2014.